



REDATOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
Oficina do Imprensa - Rua António, 104
(Fornecido de lei que regula a liberdade de Imprensa)

Redação e administração - Calçada da Figueira, 13-4, L.
End. telegr.: Talheta - Lisboa - Telefone: 1

A BATALHA

DIÁRIO DA MAMMA — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A Suíça do ocidente...

Se a burguesia quizesse,⁽¹⁾ libertava o país da centralização política e administrativa que o tem sufocado há tantos anos e à qual devemos, em grande parte, o nosso imenso atraso. Mas descentralizar, para quê? Para progredir; é condição sine qua non.

Sem descentralização, de facto, não há autonomia; sem autonomia não há consciência da personalidade e sem esta não há soberania e não há, portanto, democracia, não há nação, não há povo; há subditos e tiranos, violentos ou brandos, segundo as circunstâncias.

Que orientação deveria ter essa reforma da vida administrativa? Evidentemente a duma autonomia municipal, como base.

Mas isso não bastava. O vício da política partidária está demasiadamente enraizado e generalizado, para se poder esperar um bom resultado do simples joga político a que os municípios se entregariam, dando razões de sobra aos centralistas para proclamarem a falência da descentralização.

Seria preciso fazer actuar outros elementos, que desempenhassem este duplo papel: o do corrigir o vício da política partidária e o de estabelecer uma estrutura social que fosse a transição, natural, sem esforço realizado depois, para o regime político socialista. Esses elementos não podiam deixar de ser os sindicatos profissionais. A estes competia o exercício de uma fiscalização da construção e reparação de edifícios e das condições de trabalho; elaborar a estatística da produção de géneros alimentícios; estudar e resolver conjuntamente a câmara municipal o que houvesse a fazer sobre armazenagem, distribuição, importação e exportação de produtos.

E claro que desaparecia essa entidade, em cujo desaparecimento tanto se falava no tempo da monarquia, mas que a república manteve porque — Terreiro do Paço super omnia — chamada o administrador do concelho.

A autonomia do município, dentro da nação, corresponderia a da freguesia dentro do município.

O detalhe da reforma, questão secundária, como sempre, desde que se observassem os pontos fundamentais: autonomia municipal e paroquial, função indicada para os sindicatos profissionais e facilidades de adaptação regionalista. Sem esta última condição, tudo resultaria inútil ou contraprodutivo, pois tudo ficaria rigidamente sem a malabilidade indispensável ao progresso de qualquer instituição.

* * *

Antigamente, no tempo da propaganda — coisas que nesse tempo só disseram! — era a Suíça badalada por todos os cantos. Desde esse admirável livrinho, a *Cartilha do Povo*, do grande José Falcão, até ao tablado dos comícios, onde a verborreia era raiada, indicada para modelo deste infeliz Portugal, de que era mestre fazer «uma Suíça do ocidente». E tudo eram lindos à vida civil, à milícia, à nação armada, etc.

Como de tantas coisas de que a Suíça devia ser modelo, do exército de milícias se esqueceram. Pois era chegado o momento de operar a mudança, com toda a prudência, toda a inteligência necessárias, mas operar a mudança. Os militares profissionais seriam empregados utilmente; e, estou bem certo, a contento da grande maioria dos competentes, senão de todos, em trabalhos para os quais a sua competência técnica e a sua cultura geral os indicassem, como: estradas, caminhos de ferro, medições, construções, inquéritos, estatísticas, ensino, etc., além da

função própria a exercer no exército de milícias.

Pois tanta militares profissionais que deixam de o ser, por qualquer motivo, não se empregam, em regra, naqueles trabalhos. Em nada, portanto, a reforma os iria prejudicar. Além disso haveria a vantagem de dispor melhor dum pessoal competente ou que facilmente assim se tornaria, para a realização de obras de fornecimento nacional, em grande, que é preciso efectuar, que se hão de efectuar, queiramos ou não, pois desapareceu o direito de viver preguiçosamente e improdutivamente. Essas obras hão-de realizar-se por iniciativa nossa ou alheia.

E quanto mais pessoal competente nós tivermos, menos o pessoal estrangeiro nos invade, é evidente.

Quais os inconvenientes que adviriam desta reforma, não sei? A famosa necessidade da permanência para formar militares? Mas a guerra veio mostrar; e quantas guerras o tinham já mostrado! — que os milicianos, os militares da última hora, desempenham o seu papel muito capazmente; se estão decididos a lutar, assim como os profissionais o não desejam bem, se não estão dispostos a isso. Mas estas questões são já detalhes que afectam a generalidade dos assuntos aqui tratados, que se tem alongado mais do que esperava.

Continuaremos no próximo artigo.

Emilio Costa

(1) No artigo anterior «Diário da Propriedade», na 1.ª coluna, linha 84-85, «propaganda», deve vir «preparação»; e na linha 59-60, «proprietários», devendo ler-se «proprietários». Isto é para quem se interessa, éclar. I...
+ + +

Na Baviera

Uma derrota das tropas governamentais — Suapessoão dos jornais berlineses afetos aos comunistas

BERNE, 19 (atrasado) — As notícias que se recebem de Berlim, referentes aos acontecimentos ali desenvolvidos, são muito graves, pois as tropas do governo, decidido à destruição em reforços, sofreram uma total derrota.

O exército vermelho elegera um novo Conselho Central, presidido pelo representante bolchevista Lewin, tendo sido libertados todos os comunistas que se encontravam detidos e os membros do antigo Conselho Central.

A imprensa berlinesa pede energicamente para restabelecer a ordem e pacificamente para assegurar o abastecimento da população, que carece totalmente de pão. Foram suspenso todos os jornais berlineses que tinham simpatias com o comunismo.

Os fósforos

Disse alguém com muito espírito e muita observação que há fósforos sem cabeça e cabeças sem fósforo.

Os denominados fósforos amorfos que a respectiva companhia nos impõe procurando justificar a sua ruindade de com a falta do choupo da Rússia com que, antes da guerra, se faziam os competentes palitos que são agora de pinho de terra, apesar de terem a cabeça não têm fósforo dentro dela, faltando-lhes por isso o juizo a ponto de explodirem com violência, queimando o imprudente que os acende e os parceiros que o rodejam, não os cegando só por milagre, o que denota absoluta ausência de fósforo dentro da cabeça de quem faz uso dêles e fósforo de mais na cabeça dos directores da companhia que conseguem vender como bom um artigo mais perigoso que um petardo de dinamite.

Na casa Totta

Aumento de salário ao pessoal da construção civil

Os camaradas da construção civil que trabalham nas obras da casa Totta vieram-nos comunicar que obtiveram, ao fim de várias demarchas, um aumento de 20,0%. Fica ainda assente que, no caso de em qualquer outra obra começar a vigorar um maior aumento de salário, os seus jornais seriam equiparados aos dessa obra, sendo ainda indemnizadas da diferença existente entre os 20,0% e esse aumento.

Folgamos com a melhoria conquistada por aqueles nossos camaradas.

NOTAS & COMENTARIOS

Remédio heróico

A Opinião publicou recentemente uma carta firmada por um ex-chefe da polícia de Setúbal que propõe na mesma carta o aumento do número dos agentes policiais para reprimir a gatunagem, cada vez mais numerosa em Lisboa, no dizer da mesma carta.

Claro está que não se trata da gatunagem que rouba em grande escala, a coberto da lei, mas sim do peixe medo que é colhido pela rede da polícia, cujas malhas possuem o elástico suficiente para deixar passar o peixe grande, quem for de força, de sobra, para dilatar as suas malhas, passando facilmente com o corpo por onde enfia a cabeça sem grande dificuldade.

Se bem reflectirmos reconheceremos que noventa por cento dos casos de gatunagem vulgar de Linneus não são da responsabilidade de quem é chamado a responder por elas perante os tribunais, mas unicamente da sociedade desrancada que faz o mal e a caramuña, desatando a berrar pela polícia para se livrar das suas vítimas quando sofre as consequências lógicas do seu próprio delito.

O remédio proposto na sobredita carta é heróico para aumentar o número dos agentes policiais e respectivos chefes, dos juízes, dos encarregados e de todo o funcionalismo que vive do crime e que teria de procurar outro meio de vida se não houvesse criminosos; mas se considerarmos esse remédio sob o ponto de vista social, havemos de reconhecer que ele vale tanto ou menos que a aplicação de algumas bichas sóbre uma chaga cancerosa.

A lei dos alecrimes

Não sabemos se o sr. ministro das finanças já deu pena existência desta lei social que o é também da República e da qual resultam dois funcionalismos pagos pelo Estado, ou se pela Nação.

Volta e meia temos bernarda, isto é, fia política. Tílos, mortes, um governo de cangalhas, outro no poleiro, etc. e tal.

De cada vez que se dá alguma dessas fias há mudança, substituição, afastamento, aposentação de funcionários, mesmo depressa desafectos ao governo que sobre que ao regime.

Dai a cada outra fia. Gente nova no poder. Rotação de alecrimes na nostra política.

E lá vão para o fundo os que estão em cima e vice-versa. Novas mudanças, substituições, aposentações e afastamento de funcionários. Reinternações e, por conseguinte, o respectivo pagamento dos ordenados em dívida.

E assim sucessivamente.

De maneira que a Nação, não chegando a possuir vez alguma um funcionalismo que a sirva convenientemente, segundo a lei dos alecrimes, paga a dois funcionalismos para andarem para baixo e para cima, em que os que pagam, com os olhos vendados, vai pulando a nora sem tugir nem mugir.

Ora aqui tem o sr. ministro das finanças o encunho da lei dos alecrimes e os efeitos que ela produz, muito a contento dos empreguinhos ou caçadores de empregos públicos a quem algumas vezes se dá o nome de bons republicanos, como se a República fosse uma gamela ou coisa parecida com isso.

E assim sucessivamente.

De maneira que a Nação, não chegando a possuir vez alguma um funcionalismo que a sirva convenientemente, segundo a lei dos alecrimes, paga a dois funcionalismos para andarem para baixo e para cima, em que os que pagam, com os olhos vendados, vai pulando a nora sem tugir nem mugir.

Ora aqui tem o sr. ministro das finanças o encunho da lei dos alecrimes e os efeitos que ela produz, muito a contento dos empreguinhos ou caçadores de empregos públicos a quem algumas vezes se dá o nome de bons republicanos, como se a República fosse uma gamela ou coisa parecida com isso.

E assim sucessivamente.

De maneira que a Nação, não chegando a possuir vez alguma um funcionalismo que a sirva convenientemente, segundo a lei dos alecrimes, paga a dois funcionalismos para andarem para baixo e para cima, em que os que pagam, com os olhos vendados, vai pulando a nora sem tugir nem mugir.

Ora aqui tem o sr. ministro das finanças o encunho da lei dos alecrimes e os efeitos que ela produz, muito a contento dos empreguinhos ou caçadores de empregos públicos a quem algumas vezes se dá o nome de bons republicanos, como se a República fosse uma gamela ou coisa parecida com isso.

E assim sucessivamente.

De maneira que a Nação, não chegando a possuir vez alguma um funcionalismo que a sirva convenientemente, segundo a lei dos alecrimes, paga a dois funcionalismos para andarem para baixo e para cima, em que os que pagam, com os olhos vendados, vai pulando a nora sem tugir nem mugir.

Ora aqui tem o sr. ministro das finanças o encunho da lei dos alecrimes e os efeitos que ela produz, muito a contento dos empreguinhos ou caçadores de empregos públicos a quem algumas vezes se dá o nome de bons republicanos, como se a República fosse uma gamela ou coisa parecida com isso.

E assim sucessivamente.

De maneira que a Nação, não chegando a possuir vez alguma um funcionalismo que a sirva convenientemente, segundo a lei dos alecrimes, paga a dois funcionalismos para andarem para baixo e para cima, em que os que pagam, com os olhos vendados, vai pulando a nora sem tugir nem mugir.

Ora aqui tem o sr. ministro das finanças o encunho da lei dos alecrimes e os efeitos que ela produz, muito a contento dos empreguinhos ou caçadores de empregos públicos a quem algumas vezes se dá o nome de bons republicanos, como se a República fosse uma gamela ou coisa parecida com isso.

E assim sucessivamente.

De maneira que a Nação, não chegando a possuir vez alguma um funcionalismo que a sirva convenientemente, segundo a lei dos alecrimes, paga a dois funcionalismos para andarem para baixo e para cima, em que os que pagam, com os olhos vendados, vai pulando a nora sem tugir nem mugir.

Ora aqui tem o sr. ministro das finanças o encunho da lei dos alecrimes e os efeitos que ela produz, muito a contento dos empreguinhos ou caçadores de empregos públicos a quem algumas vezes se dá o nome de bons republicanos, como se a República fosse uma gamela ou coisa parecida com isso.

E assim sucessivamente.

Na linha de fogo

Propaganda necessária

Tenho pensado, e agora mais do que nunca desde que se fala em propagandear um programa socialista revolucionário, que a atenção dos militantes deve ser solicitada para a importante questão da conquista das massas republicanas, objectivo que até agora se tem descurado, não só por falta de oportunidade, bem sei, mas um pouco pelo conceito errado que todos nós, mais ou menos temos, de que os republicanos são irreducíveis, isto anarcopatriotes, por tenacidade de convicções e intranqüilidades de principios, nossas ideias e formas de luta.

Há nos partidos da república valores que não se podem perder e com que devemos contar. Não é a praga dos bacalhais que nos interessa, meras figuras decorativas e negadoras, tão insignificantes e bolas como os conselheiros monárquicos. É o elemento de trabalho, é o elemento activo, a massa laboriosa e fecunda que forma a estrutura do partido democrático — que é a bem dizer a única força organizada da república — e o emparalela em energia e entra com as nossas melhores organizações. Há nessas massas um fermento de combatividade que não se deve desprezar, que é necessário encaminhar para os verdadeiros alvos. A descentralização das profissões é, reconheço-o, o mais poderoso agente de despolarização política, e o antagonismo de interesses desportando a luta das classes, o mais energético reagente contra o feiticheiro partidário. Mas uma propaganda num outro sentido não dão menos resultados.

Eu sei que há nos meios operários uma grande relutância pelas partidas democristãs, mercê de erros dos seus dirigentes. Mas é preciso não generalizar, e não confundir o elemento popular daquele partido com os grupos agressivos formados no governo civil para a defesa do regime — a chamada fôrma branca, que tanto desprêstigio causou à república. Não é a esses grupos — que aliás poucos são — que eu me quero referir, mas ao elemento laborioso, sincero e desinteressado, ardente e progressivo, nos compatriotas, os que nos empregos e os companheiros da fábrica, que em Lisboa e por esse país militam nas hostes republicanas e são o pensor e a garantia de que a reacção não ergue a cabeça e que jamais poderá retroceder.

Estas camadas populares republicanas, que seria absurdo ignorar e de má política esquecer, não são nada conservadoras, e se inflam na república formando contudo a sua guarda avançada e reunem-se em torno de personalidades que sintetizam o radicalismo político. São essas camadas que impõem baldadiamente uma república avançada, em absoluto intransigência com os conservadores e retrógrados; são elas que por nobre desinteresse, e não por emprégos ou imordas provêm, defendem a república na hora incerta do perigo, lado a lado da classe operária, porque se é injusto afirmar que o operariado não se bate pelo regime não o é menos afirmar que só é este que acorre à luta. E essa gente, ávida de justicia reparadora, que não hesita em reclamar a confiscação como represália. E admitem de facto a expropriação, meus amigos, é, em princípio, reconheço-la.

E tem esta éste radical uma representação que a satisfação nos parlamentos e nos governos? Cada vez o tem menos, reconhecem no todos. E se ela persiste fidel a um partido e não transpõe ainda mais avançadas fronteiras, é por um apelo a caras tradições democráticas e reconhecimento a um homem que encarnou num dado momento a fórmula máxima das aspirações nacionais.

— Se o Afonso Costa deixa a política, dizia me há dias um democristão, não são os conservadores nem mesmo os radicais que lhe recolhem a herança; são os senhores, são os avançados.

Ora, esse homem e as reivindicações do seu partido exprimem hoje, perante o que se passa lá fora, a fórmula máxima — ou mínima sequer — das aspirações do povo? Claro que não. Pois há republicanos que assim entendem já e fazê-lo compreender às sinceramente convicções democráticas, não com o significado dum falhança da república, mas com uma antecipação, uma precipitação evolutiva para o regime socialista que a guerra provocou, é um dever, parece-me a mim, dos militantes revolucionários.

Manuel Ribeiro

Opinião se afigurou uma selvajaria é para nós a coisa mais notável e mais lógica que pode imaginar-se, questão, é claro, do ponto de vista do observador.

Sabendo-se, como se sabe que em Viana do Castelo se morre de fome em consequência da incúria oficial e do favoritismo dispensado aos açambardadores daquele distrito achamos que deve haver regosso quando algum felizardo

O PÃO NOSSO... DE SEGUNDA

E' sabido e axiomático que em todas as coisas e em todos os actos ou funções da vida há sempre um mas.

Quando se escreve agradece-se a uns mas desagrada-se a outros.

Quando pensamos ou julgamos sómos favoráveis a uns mas desfavoráveis a outros.

Recolhemos a casa à meia noite mas poderíamos recolher antes ou depois ou não sair à rua nesse dia.

Toda a gente sabe isto e já o nosso amigo Banana pensava e dizia a mesma coisa.

Assim também A Opinião de ontem quis replicar ao que eu tenho dito neste jornal acerca do pão e à margem duns sueltos daquele jornal sobre o mesmo assunto e em defesa dos dois tipos de pão mas nem sequer ao menos teve arte para destruir nenhum dos meus argumentos em defesa do pão tipo único.

Em 19 do corrente, abrindo um artigo meu, escrevi neste jornal o seguinte:

A Opinião que não tem querido dizer qual é o jornal da manhã que anda constantemente a falar no negócio do pão e defender um tipo único, o que me leva a crer que não é nenhum... etc.

Oras, daqui a afirmar, como A Opinião afirmou que eu queria que seja A Batalha esse incógnito jornal vai um absurdo de incompreensão, de falta ou insuficiência de leitura ou de má fé, a não ser que A Opinião tivesse curado por informações, o que não deixa de ser cômico mas pode induzir a erro o diagnóstico.

Quanto à defesa do tipo único de pão se A Batalha cai ou não cai das abas, que pode fazer supor, mas não a mim, que ela está de corpo e alma com A Opinião na defesa dos dois tipos, isso não é cômico.

Certo é, porém, que A Batalha sendo, como é e se intitula no seu cabeçalho o «porta-voz da organização operária portuguesa» defende ipso-facto e implícitamente o tipo único, visto que o mesmo tipo foi e ainda não deixou de ser que eu saiba—uma das principais e mais insistentes reclamações da U.O.N.

Se há algum equívoco, neste particular, não é da minha parte, como A Opinião afirmou, assim como é certo que tudo quanto publiquei no mesmo jornal não foram coisas a meio grito nem do meu agrado, mas ao grito e agrado da verdade, em comentários a factos muito do meu desagrado por serem contrários à razão e à justiça, assim como não é crível que A Opinião ou qualquer outro jornal publique algum artigo contrário à sua índole ou à sua orientação social ou política.

A Opinião, como seria para desejar, deveria ter feito completa leitura e boa análise imparcial dos artigos por mim publicados há poucos dias neste jornal a respeito de pão.

Deveria destruir os factos que citei, as asserções muito explícitas e os argumentos contidos nos mesmos artigos.

Mas desde que não o fez, como de resto, lhe seria impossível fazer, pode ria ter brilhado ficando calada, sem misturar alhos com bugalhos ou «co-sinhar bugalhos com alhos», petisqueira que não se dá com o meu estomago refratário às comidas indigestas do valor ou do poder alimentício do pão fabricado com substâncias pôlides ou toxicas, casca de arroz, serradura e outros ingredientes em cuja descoberta a moagem é demasiadamente fértil, como é falso de lógica e de verdade o arrazoado que A Opinião tem dado à estampa em defesa dos dois tipos de pão actuais e bem assim em contestação da minha defesa do pão tipo único que não agrada de maneira alguma à Nova Companhia Nacional de Moagem pela qual é certo, não morro da amores, tal qual,

José Benedy.

Os Sóvietes em Munich

Uma testemunha ocular descreve como foi feita a restauração da Repúblia dos Sóvietes na capital bávara. Já noticiamos aos nossos leitores a restauração do regime dos Sóvietes em Munich, mas faltavam então pormenores do grande sucesso. A descrição desse acto revolucionário do proletariado da capital bávara, acabamos de lá-la em El Sol, de Madrid, feita por uma testemunha ocular. Respeitando os termos que denotam a aversão que ela tem pelos extremistas de Manich, passamos a reproduzir o seu interessante depoimento:

«Distribuem-se pelas ruas manifestos que são lidos com avidez. E' um chamarado dos espartaquistas e dos socialistas independentes para que o povo vá ao pé da estátua da Bavaria, às 9 da manhã da dia seguinte. Pouco depois, uns homens de mau aspecto, afiam nas paredes uns pequenos pasquins azuis. Intitulam-se: Telegrama e dizem assim: «Mentira! A guardia de Munich não se declarou a favor do governo socialista-reacionário de Hoffmann; Viva a República dos Sóvietes! Soldados e operários: comparecerei amanhã armados, às nove, no Campo de Marte». Firmam o pasquim os comitês dos partidos comunista e socialista majoritário. Milhares de partidários desses agrupamentos, enchem as ruas centrais. E a sua nervosidade e excitação crescem. As pessoas bem vestidas são ameaçadas: «O senhor não é, certamente, um proletário! gritam alguns jovens a um ancião de barba branca, que se eclipsa prudentemente.

«Abajo a guarda branca! vocifera milhares de operários. Inúmeras mulheres, exasperadas, misturam-se entre os grupos. Dois soldados querem desarmar um paisano, mas são agredidos. De repente soam tiros, muitos tiros. «Mas não se tinha convocado o povo para o outro dia? Realmente assim era, mas os espartaquistas e os seus aliados, vendo a sua gente nas ruas, não quizeram aguardar. Ouve-se os tiros das metralhadoras. Caudilhos desconsolados dão ordens rápidas. A grande est-

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.—A Comissão Administrativa apreciou diverso expediente referente ao comício do 1.º de Maio e ainda um ofício da Junta da Paróquia Civil das Mercês em que se pede que indique esta União duas creanças, orfãs de militares falecidos em campanha, para serem contempladas com fatos que essa Junta distribui no dia 26 do corrente. Como esta União não tenha conhecimento das duas circunstâncias nas condições exigidas, resolveu entregar o caso a A Batalha, para que indique duas creanças suas protegidas. Recebeu-se mais dois ofícios convidando esta União a representar-se em Almada em duas reuniões que hoje se efectuam, uma na Associação dos Tanoeiros e outra na Federação Corticeira, não os enviando por haver trabalhos preparatórios do comício do 1.º de Maio, que prendem em Lisboa todos os componentes da U.S.O.

Pessoal dos Hospitais.—Reuniu anteriormente no Centro Socialista de Lisboa, em assembleias geral da sua Associação de Classe, a fim da comissão encarregada de apresentar as emendas à reforma hospitalar expôr as suas «demarcações», tendo comunicado que o ministro do trabalho concordava, em parte com as suas reclamações e discordava das diuturnidades, defendendo um aumento de vencimentos pois que é a classe mais mal remunerada e que pela profissão que desempenha deve ser bem remunerada. Foi apresentada uma proposta pelo camarada Abel da Cruz, para se organizar secções de classe, falando sobre a proposta os camaradas António Diniz, Edmundo de Oliveira e Augusto Mouchet sendo depois aprovados e nomeados para fazerem parte da comissão da secção de farmácia, Martins do Rêgo, José Rito Ferreira, Joaquim Preto, António Martínez Correia e Alvaro Pinheiro; administração dos camaradas Abel da Cruz, Edmundo de Oliveira, Manuel Gouveia de Sousa, Manuel Ferraz de Oliveira e Francisco dos Reis; enfermeiros, os camaradas José da Costa, Augusto Mouchet, José Mendes Duarte, Amélia da Conceição Vigário, João Ramos e Alfredo Lourenço; pessoal auxiliar, José Garrido, Joaquim Dias, Jesuíno Francisco Henriques, Raúl Fernandes de Sá, António Rodrigues e Maria da Encarnação; serviços industriais, Manuel Mendes Esteves, António Maria Pereira, José Cardoso, Martinho Blázquez Quintas, Manuel Francisco e Ernesto Ferreira.

Litógrafos do Sul.—Na reunião de direcção, ontem realizada, ficaram concluídos os trabalhos a apresentar na assembleia geral que amanhã se efectuará. A anunciar esta assembleia serão distribuídos manifestos à classe.

Polidores de Móveis.—As reclamações da classe aderiram mais os seguintes industriais: Cunha & Cunha, Miguel Carreira, Manoel Lopes, Nascimento Piedade, Manoel Dias de Sousa, e os seguintes empreiteiros: Domingos Pedroso, Fernand Gouveia, Paulo António Estevam, Alfredo Graça e irmão, Moura e Jardim, Guilherme e Ferraz, José M. de Oliveira Alfredo Portela, José da Cruz Machado, Francisco Freitas, Artur Vicente, Silvestre Soares e o grupo comunitário da oficina da casa Marques.

Com respeito ao pão tipo único que tenho defendido em todas as circunstâncias, de há três anos a esta parte, inclusivamente em relatórios e outros documentos oficiais da minha autoria e bem assim em diversos jornais, tenho também trocado impressões com muitíssimas pessoas do meu conhecimento, sem que nenhuma delas se manifestasse contrária ao referido tipo de pão que «o consumidor sabe que pagava a catorze vintens» ou quilo, «o que não quer dizer que ele fosse inferior ao pão actual de segunda que vem a sair mais caro, por ser mais prejudicial à saúde que aquele outro».

E a saúde, di-lo o bem conhecido aphorismo, não ha dinheiro que a pague.

Quando assim não fosse, além de muitas outras, uma razão concludente atohna, em meu conceito, o tipo único: «a igualdade de tratamento para o consumidor, em relação a esse artigo de primeira necessidade que, polo ser, não admite a extravagância mercantil de se inserirem como rótulos e fizesssem a máxima propaganda da Associação».

Empregados Menores do Comércio e Indústria.—Reuniu em assembleia geral, aprovando o relatório e contas de 1918 e nomeando os novos corpos gerentes, que ficaram assim constituídos: Direcção, presidente, Manuel Pedro Corrado, 1.º secretário, José Costa; 2.º secretário, Abilio Costa; tesoureiro, João Bento de Sousa; vogal, Agostinho dos Santos.

Conselho fiscal: Miguel José Alves, Constantino Represas, Hipólito Garrido. Delegados à U.O.N., Bernardino dos Santos e António da Silva; U.S.O., Francisco da Silva, António Marques dos Reis.

Por proposta de Represas foi a nova direcção autorizada a nomear uma comissão encarregada de preparar a classe para um movimento de aumento de salário.

A Comissão Central está elaborando as tabelas dos vencimentos que serão brevemente entregues ao governo e postas à discussão das secções.

Ontem reuniram as comissões de secções para escolherem o presidente que é delegado à Comissão Central que dará uniformalidade às reclamações desta Associação organizando-se sob o método sindical hoje adotado nas associações de classe mistas. O camarada Abel da Cruz, antes de encerrar a sessão, que correu no meio de grande entusiasmo e serenidade, fez um apelo a todos para que, para a defesa dos seus interesses se inscrevessem como sócios e fizessem a máxima propaganda da Associação.

Na mesa foi lido um ofício do uelho desta associação em Coimbra, dando todo o seu apoio, encerrando-se a sessão com vivas à Associação e ao pessoal.

A Comissão Central está elaborando as tabelas dos vencimentos que serão brevemente entregues ao governo e postas à discussão das secções.

Estudadores e Decoradores.—Todos os estudadores, sócios e não sócios, devem hoje reunir em assembleia, às 20 e meia, na calçada do Carmo, 85, para tratamento de aumento de salário.

Stereotipadores, Fundidores de Tipo e Anexos.—Reuniu hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral esta colectividade.

Torneiros em Madeira.—A assembleia geral reúne no próximo domingo, pelas 15 horas.

Secção da C. C. de Palma.—Hoje, pelas 20 horas, em assembleia magna, para apreciar o regulamento e bases das Bólicas de Trabalho e do Cofre de Solidariedade Humana.

Pessoal dos Correios e Telégrafos.—Reuniu hoje, em assembleia magna, pelas 21 horas, nos seguintes locais: Farmácia e enfermagem no Centro Almirante Reis, no Bemfica, 50, 1.º; Administração e auxiliares, na sede da Associação de classe e serviços industriais no Centro Socialista de Lisboa, rua do Benfica, 150, 1.º, reunindo depois os seus presidentes na sede desta Associação de classe, a fim de se ultimarem os seus direitos e aumentos de salário.

Pessoal dos Correios e Telégrafos.—Reuniu hoje, em assembleia magna, pelas 21 horas, e na sede do Cofre de Solidariedade Humana.

Ferreiros—Não tendo terminado os seus trabalhos a assembleia do pessoal de escritório da C. P., que reuniu anteontem, a continuação terá lugar hoje, no mesmo local e à mesma hora.

Nesta assembleia deve ser apreciada a redacção definitiva das reclamações do pessoal de carteira.

ESTOFADORES E DECORADORES

fez representar, na comissão, por um delegado.

Federação Marítima.—A comissão de melhoramentos desta federação, depois de voltar da reunião magna que se realizou na Associação dos Descarregadores de Mar e Terra do Barreiro, e de conferenciar com o governador civil, resolveu convocar a assembleia geral dos estivadores para se assentar qual a forma de resolver a reclamação dos agentes de navegação.

Ficou entendido que a praça de contratos para o serviço de estiva seja no Cais do Sodré, lado de leste, com também por afirmação da autoridade competente o estivador da comissão de transportes do estado comece hoje a contar na data praça. A assembleia está convocada para hoje às 19 horas. Nesta reunião comparecerão os delegados que tem tratado dessa reclamação.

Ficou entendido que a praça de contratos para o serviço de estiva seja no Cais do Sodré, lado de leste, com também por afirmação da autoridade competente o estivador da comissão de transportes do estado comece hoje a contar na data praça. A assembleia está convocada para hoje às 19 horas. Nesta reunião comparecerão os delegados que tem tratado dessa reclamação.

Federação da Construção Civil.—O Conselho Federal tratou da questão do amanente das edificações urbanas, resolvendo fazer brevemente uma reclamação-protesto, de maneira a serem atendidas as reclamações de à muito feitas. A comissão permaneceu deputada do Instituto dos Mutilados em Arroios.

O ministério da guerra resolveu pagar a todos os operários 30% sobre o salário mínimo.

Também esta Federação recebeu a comunicação de que os operários que trabalham nos edifícios da firma Soares Franco & C. A. no Beato, fizeram uma reclamação de 30% de aumento de salário, sendo obtida ao fim de meia hora de paralisação.

Hoje deve reunir a comissão técnica, e as direcções de todos os sindicatos desta indústria, conjuntamente com a Comissão Administrativa da Federação.

Associação de Classe do Operariado de Oeiras.—Em sessão magna reuniu no dia 20 para reclamar o aumento de 30%, sendo nomeado o camarada António Raimundo Lima, para delegado à comissão da Parede, comissão que vai entrevistar os mestres das obras do conselho de Cascais. Nomeou-se uma comissão provisória para ter conhecimento dos trabalhos do delegado, ficando composta pelos camaradas Manuel Gonçalves, Filipe Costa e Manuel Augusto Pires.

Foi resolvido que esse delegado de conta dos seus trabalhos no próximo dia 26, pelas 20 horas, em sessão magna.

CONVOCACOES

Manufactores de Calçado—Para assuntos administrativos e urgentes reúne hoje a direcção da estação.

Operários da Companhia do Gás—Hoje, pelas 10 horas, reúnem os operários das oficinas, a fim de tratarem dum assunto urgente.

Estudadores e Decoradores—Todos os estudadores, sócios e não sócios, devem hoje reunir em assembleia, às 20 e meia, na calçada do Carmo, 85, para tratamento de aumento de salário.

Stereotipadores, Fundidores de Tipo e Anexos—Reuniu hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral esta colectividade.

Torneiros em Madeira—A assembleia geral reúne no próximo domingo, pelas 15 horas.

Secção da C. C. de Palma—Hoje, pelas 20 horas, em assembleia magna, para apreciar o regulamento e bases das Bólicas de Trabalho e do Cofre de Solidariedade Humana.

Pessoal dos Correios e Telégrafos—Reuniu hoje, em assembleia magna, pelas 21 horas, e na sede do Cofre de Solidariedade Humana.

Ferreiros—Não tendo terminado os seus trabalhos a assembleia do pessoal de escritório da C. P., que reuniu anteontem, a continuação terá lugar hoje, no mesmo local e à mesma hora.

Nesta assembleia deve ser apreciada a redacção definitiva das reclamações do pessoal de carteira.

• • •

O 1.º de Maio

As conferências preparatórias da União dos Sindicatos de Lisboa

Continuando na propaganda do dia 1.º de Maio, a União dos Sindicatos de Lisboa promove, hoje, uma nova conferência que o camarada Miguel Correia realizará no Sindicato Metalúrgico, rua da Esperança, 204, às 21 horas prefixos.

O governo persegue os grevistas

LONDRES, 22.—A Agência Fabra, de Madrid, diz que o governo resolveu demitir os telegrafistas e achar restabelecido em toda a Espanha o serviço de telefones; quanto aos telegrafistas, as negociações para um acordo não deram resultado. Agrava-se a greve textil em Alcoy, tendo sido proclamado o estado de sítio. O serviço telefônico restabeleceu-se em algumas províncias.

LONDRES, 21.—As notícias oficiais recebidas de Madrid em data de 18 diazem que o serviço telefônico se acha restabelecido em algumas províncias e que se espera que fique completo de um momento para o outro. H.

• • •

Carpinteiros Civis

Este sindicato, na assembleia ontem efectuada, resolveu protestar energicamente contra a resolução do governo, considerando o 1.º de Maio como dia de festa, tirando-lhe o significado revolucionário que verdadeiramente tem.

Corticeiros em greve

Está resolvido o conflito da fábrica Quintino & Nunes, mas o pessoal não retoma o trabalho sem que os camaradas que o secundaram o não retomem também.

BARREIRO, 23.—Por falta de mais largas informações, não concluimos a nossa correspondência de ontem, sobre a solução do greve dos operários da casa Quintino & Nunes.

Da conferência com o ministro do trabalho, o industrial e a comissão dos operários, resultou uma plataforma que na sessão magna, ontem mesmo, foi

Saneamento da República

A propósito dos decretos publicados pelo ministério das finanças, afastando funcionários dos seus cargos, medida em que foi abrangido o chefe da 2.ª repartição da direcção geral das Alfândegas, sr. Luís A. dos Reys, recebemos uma carta do seu filho, que não publicamos na íntegra por absoluta falta de espaço. Transcrevemos apenas o que nos parece essencial:

«O sr. ministro das finanças, que é, acima de tudo, um apreciável poeta e um apreciado dramaturgo, tem um temperamento lírico, ao qual regognam certas fases de delação e mesquinharias averiguadoras; mas pega a alguma do soviet anônimo para ir esquadrinhar na Câmara Municipal os cadernos eleitorais e verificar que o sr. Luis A. dos Reys votou em todas as eleições em que só havia candidatos republicanos e se absteve nas eleições sidonistas. Pega ainda a uns desses caluniosos andâminos, para ir à Biblioteca verificar na Lucta de 3 de Abril de 1918, 1.ª pag., 5.ª coluna, que lá vem incluído o nome do mesmo senhor, na lista publicada durante cerca de um mês, de Protesto dos republicanos contra as arruaças monárquicas, a propósito da conferência dr. Brito Camacho no Porto. Não conhecendo o sr. Luis A. dos Reys pessoalmente o sr. Brito Camacho e não estando filiado em partido nenhum, esse protesto representa, parece-me, uma adesão ao regime, com um carácter anti-governamental, sem interesse de clientela, isto é, nas mais nobres condições. Porque não pede o sr. Ramada Curto um documento tão claro e corajoso, dos tempos perigosos do dezembrismo, a todos os membros andâminos do soviet, para justificarem o seu rubro catonismo de agora?

Seria também interessante tornar públicos os documentos em que alguns membros, mesmo os mais graduados do soviet, agradecem ao sr. Luis A. dos Reys os obsequios que por elas lhes foram prestados. Mas não vale a pena pelo menos por agora.

Antevendo, ao sr. Ramada Curto, uma inconfessável celebração na sua passagem pela pasta das finanças, desde já lhe desejo anunciar uma feliz consequência da sua acção nas caileiras do poder: não terá mais o incômodo de apertar a mão dum a pessoa de bem que por ele chegou a sentir alguma estima.

Agradecendo a v. o favor de publicar esta carta, peço-lhe que me creia seu muito obrigado e admirador. — Luis da Câmara Reys.

A escravidão da mulher

Para nós, que estamos acostumados a ver diariamente o quadro triste e doloroso da prostituição feminina, não nos surpreendeu ver publicada em A Batalha uma notícia em que o sr. António Tomás nos revela as tracícias cometidas na 5.ª conservatória do registo civil de Lisboa. Mas já que veiu a público um caso como muitos outros que se sucedem muito frequentemente, julgamos oportuno fazer umas ligeiras considerações.

Nós, que lemos e estudamos as leis psicológicas do amor nos livros de Paul Mantegazza, Jean Finot, Charles Albert e Anatole France, sabemos muito bem até onde pode chegar a liberdade dos sexos. Desde as uniões voluntárias dos tempos préhistóricos até ao reconhecimento jurídico do matrimônio civil e canônico da nossa época, vemos desenvolver-se progressivamente a evolução e seleção das relações afectivas entre o homem e a mulher.

Como dizia Goethe, o amor é uma afinalidade electiva entre dois seres que ligeiramente desejam viver unidos, sem que isto deva implicar uma obrigação juramentada e codificada, que lhes possa permitir uma provável reparação, que às vezes as circunstâncias poderão determinar. É isto, em resumo, o que as doutrinas libertárias têm preconizado e defendido, e que se realizará nun futuro mais ou menos longínquo, quando a humanidade tiver atingido o máximo grau da perfeição.

A moral convencional da sociedade, quando é por nós atacada, não tem falsos preconceitos, costuma dizer que a nossa moral sexual é pura libertinagem, confundida com uma promiscuidade bestial, e que o amor livre é a prostituição das mulheres, decretada pelos bárbaros e selvagens dominadores da sociedade futura.

Mas como nós sabemos que estas hipócritas insinuações são ditadas por ocasião de interesses políticos e luxuriosos de vassalagens da sociedade burguesa, apresentamos aos nossos leitores essa edificante cena passada no registo civil:

Pelo que se deprende desse facto, querem outra vez residir o atropelo cometido recentemente com o dr. Da Cunha Dias, mas desta vez o decreto do famigerado Júlio de Matos vai servir as conveniências do Capital, pois a doutrina dos seus artigos presta-se a diversas especulações, e, segundo consta, querem fazer passar o novo por interdito, levando-o a ingressar no manicomio, para desse modo ser anulado o registo do casamento.

E esta a moralidade daqueles que se dizem partidários e fieis cumpridores das falsas leis dos códigos vigentes!... — J. Oliveira.

Que beleza de instrução!

Por carta informam-nos que na Escola de Reforma se encontram detidas, há três meses, quatro alunas daquele estabelecimento escolar interno. O que na referida carta se descreve revoltosas sobremaneira, porque nos revoltos, as violências, principalmente quando são exercidas contra criaturas indefesas. Dias há que as obrigam a esfregar de manhã até à noite; quando nenhum serviço lhes destinam, só à noite as deixam sair das celas; o alimento é um escasso bocado de pão e uma tijela de sopa; afirmam-lhes que só aos 22 anos permitem-las que saiam da Escola,

Um crime dos sidonistas que se pretende abafar

Ao ministro da guerra

O que se vai relatar passou-se a seguir à morte do dr. Símon Pais, ocasião em que vários pescadores, para se salientarem, entenderam promover subscrições para a compra de cordas a oferecer como homenagem à «Obra do grande morto».

Chamamos para estes factos a atenção de quem competir. A ser verdadeiro, como cremos, tudo o que é descrito nela carta a que nos estamos reportando, é da mais elementar moralidade sanear a atmosfera na Escola de Reforma.

A BATALHA = NA PROVÍNCIA

Grande incêndio numa fábrica de cortiça no Barreiro

BARREIRO, 22.—Hoje, pela 1 hora e 15 minutos, manifestou-se imediatamente uma fábrica de cortiça de que é proprietário o industrial Mário Guerreiro. As primeiros pedidos de socorro compareceram no local do sinistro os bombeiros voluntários da Companhia União Fabril e os materiais de pronto socorro, tendo depois de muito trabalho conseguido localizar o incêndio, evitando assim o terceiro propagado a outros prédios contíguos. Também compareceram os voluntários dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Mas como o incêndio já estivesse localizado retiram com o seu material, terminando os rescaldos a 4 horas. Não houve desastres pessoais a lamentar, nem os prejuízos materiais elevados, considerando que estavam cobertos por diversas compaixões de seguros.

A fábrica ardeu por completo.

Na Companhia União Fabril—Porque está paralizada uma bateria de fôrmas

A propósito dum correspondente por nós enviado, sobre uma das causas alegadas pela C. U. F. para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, os operários afirmaram ser apenas a habilidade da Companhia para iniciar o despedimento de uma parte do pessoal, como repreendido na carta, que os mesmos operários fizeram da sua Associação de Classe, o esmardado Jorge Coutinho, o que pôde carregar artigo, no qual provavelmente e scientificamente a não razão da greve, atribuída à companhia, para justificar a paralisação dos fôrmas onde se prodiz o saldo suficiente.

O artigo, lido por nós atentamente, fuzionou-se a averiguações, na desconfiança em que estavam os de que havia confusão da parte dos operários, da parte da companhia ou da nossa.

Procurando quem nos informara, inquirimos da sua assinatura sobre o artigo de Jorge Coutinho.

Respondemos-nos que o seu autor tinha razão nas afirmações feitas que fazia sobre a produção do fôrma, mas era falso o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

«Nós dissemos que a Companhia alegava a falta de fôrmas para justificar a paralisação de uma bateria de fôrmas, o que se provara — e o anúncio, que era falso — o ataque que dirigira à Companhia.

Surpreendemos, pedimos ao nosso informador mais claras explicações.

Houve uma confusão, lamentável, e certo, de fôrni declarar — respondem-nos.

Casa do Povo d'Alcantara

Novidades em percurso

Dia a dia importantes remessas de artigos diversos, verdadeiras CRIAÇÕES DA MODA e destinadas à proxima ESTAÇÃO DE VERÃO, nos estão chegando.

Soberbo sortido

é o que apresentamos em tecidos de todos os generos para as mais GARBOZAS TOILETES das damas que primam por saber apreciar

O Grande Chic

que igualmente se revela na sua justa aplicação nas confecções de creanças, para o que temos mimos do mais requintado BOM GOSTO,

E' OPORTUNO

disputar a primazia da escolha que se pode realizar desde já no grande numero de NOVIDADES RECENTES DAS e que postas à venda por preços assaz convidativos causam

Verdadeiro assombro

e despertam o interesse da sua aquisição.

MARAVILHOSO

é o sortido de vestidos e fatinhos para creanças de todas as edades, numa grande variedade de modelos executados pelos ultimos figurinos sendo o seu preço absolutamente tentador devido às vantagens proporcionadas pela nossa extraordinaria produção que oferece por isso

Comodidade e Economia

Serralharia Artística

DE
Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem
de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

Armazens de Calçado
do Socorro L.

157 Rua da Palma 159
(em frente do Teatro Apolo)
Telefone C. 3259

Calçado barato e de luxo

Esta casa é a que apresenta o melhor
calçado e por preços limitadíssimos.

O calçado mais barato de Lisboa
Encomendas para África e Províncias contra
reembolso (92)

EM TEMPO DE ELEIÇÕES
Preço 2 centavos. — Nesta administração no
Cais do Sodré, 88

COMPANHIA DE SEGUROS

A NACIONAL

Sede na sua propriedade

Avenida da Liberdade, 14, Lisboa



CASA MARIPOSA

J. Vaz Ferreira

87, Rua dos Fanqueiros, 89

Casa que mais barato vende

Fatos para homens desde 16\$500
Casacos para senhoras desde 8\$500
Lans para vestidos desde \$700
Casas para blouses desde \$400

Grand sortido em confecções de peles.
Panos para lençóis, panos crus, sarjões
crus, panos brancos, riscados, zefirines
para camisas.
Especialidade em casacos de astrakan.

Grandes abatimentos em todas
as fazendas

OURO

Mais barato e só
pelo peso

NÃO SE PAGA FEITIO

Cordões, Cadeias, Brincos, Travessões,
Alfinetes para gravata e mais
artigos que se vendem pelo peso.

Vende só

**A Ourivesaria
do Barateiro Pimenta**

RUA DA PALMA, 2

Seguros sobre a vida humana
E CONTRA
Acidentes no trabalho, incêndios,
roubo
e riscos de transporte



S. e. an. de resp. limitada — Cap. 150.000\$000
Rua da Palma, 17 — Lisboa — Portugal

Grande Companhia de Transportes Marítimos

União Luso-Brasileira

(EM ORGANIZAÇÃO)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 10.000.000\$00

(Dez mil contos)

SÉDE PROVISÓRIA:

Rua dos Remolares, 7, 3.º — LISBOA

Agentes no Porto — Montenegro Chaves & C., Praça de Almeida Garrett

A inscrição de acionistas para a fundação desta grande Empresa está aberta nos escritórios da sede provisória, rua dos Remolares, 7, 3.º

Acções de 20\$00 (liberadas) em títulos de 1, 5, 10, 25 e 50 acções

Banqueiros da Companhia | Banco Nacional Ultramarino

Banco Portuguez e Brasileiro (91)

Calçado barato

Só o vende o

CANDEIAS

INTENDENTE (defronte
do Chafariz e na
sua sucursal

Rua do Rato, 34 e 36

Associação S. M. "O Trabalho"

AVISO

Convoco os srs. associados a reunir-se em assembleia geral pelas 21 horas de 30 de corrente sendo a ordem dos trabalhos: Apresentação do relatório da comissão de sindicância e eleição de cargos vagos.

Não reinando número legal fica a mesma convocada para 7 de Maio.

Lisboa, 28 de Abril de 1919. — O Presidente, José Maria de Figueiredo. (96)

FÓSFOROS (10)

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que os preços dos fósforos foram alterados nos termos do Acórdão do Tribunal Arbitral, publicado no Diário do Governo n.º 118, 2.ª série, de 22 de Maio de 1918, mantendo-se o desconto legal de 10 %, seja qual for o número de grossas pedidas.

Os pedidos devem ser dirigidos directamente:
No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Alves Mamede & Borges, S. res.

67, Rua do Bom Jardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C. ta

Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, n.º 139 — LISBOA

OURO!!!

Mais barato e não
se paga feitio! — **Só milagre!!!**

OURO

Comprom na conhecida e acreditada
ass Paisa & Fraga.

Há sempre grande sortido de cordões,
correntes, anéis, alfinetes e mais objectos
em 2.ª mão renovados com prou
eito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Gaiolas
TELEFONE 3676

Pechincha

Para os revendedores
de calçado (11)

VARIADO SORTIDO

Travessa dos Remolares, 30, 1.º

(76)



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratinho,
compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dura solidão capaz
de resistir a todos os rasgos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

Companhia Progresso Industrial

Séde — Rio de Janeiro — E. U. do Brasil

Emissão de 45.000 debentures de 200\$000 reis (m. b.) cada

pelo prazo de 30 anos, amortização a começar em 1921.

Juro 7% — isento de impostos — (que ficam a cargo da Companhia) pagavel no Rio de Janeiro, em Lisboa e Porto, em abril

e outubro de cada ano.

(84)

Garantias

1.º: hipoteca geral de todas as fábricas e propriedades da Companhia, maquinismos, habitações operárias, edifício próprio da Companhia para estabelecimentos comerciais, mananciais, obras hidráulicas, tudo construído em terrenos próprios, medindo 38.000.000 metros quadrados (estação Bangue — Ramal Santa Cruz).

Estado actual da Companhia

Activo réis 29.304.000\$000

Passivo réis 15.927.000\$000

Condições de emissão

Réis 200\$000 — pagamento no acto da subscrição, contra recibo provisório. — Sujeito a rateio.

Prazo da subscrição, até 28 de abril corrente.

Locais da subscrição:

Pinto & Sotto Maior.

LISBOA, Rua do Ouro, 18, 22.

PORTO, Praça da Liberdade, 2, 29.

RIO DE JANEIRO, Banco Português do Brasil.

(95)

Leiam todos — Um folheto de boa propaganda

Em tempo de eleições, por E. Malafesta

Preço 2 centavos

Nesta administração no Cais do Sodré, 88

Liços novos e usados

Compram-se e vendem-se todas as

obras de sociologia, arte e literatura,

no Mercado Literário de José da

Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

(25)

Banco Português e Brasileiro

SÉDE
Rua Augusta, 34 — Lisboa

FILIAL

P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL:

Esc. 3.500.000\$00

RESERVAS:

Esc. 1.405.000\$00

Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo
em moedas portuguesas e estrangeiras

Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as
principais praças do mundo

Operações bancárias

de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

(59)